

Alentejo e Megalitismo: percursos de investigação e valorização



Sepultura Proto Megalítica da Têra (Mora) e Anta Capela de S. Brissos (Montemor-o-Novo). Fotos da autora.

O Alentejo Central possui o maior conjunto de monumentos megalíticos da Península Ibérica, com diferentes tipologias e funcionalidades. No que ao mundo funerário diz respeito, o conjunto existente engloba monumentos que vão desde as arquiteturas mais simples, as denominadas sepulturas protomegalíticas, até aos monumentos mais complexos, as grandes antas com corredores médios a longos a que se adossam, por vezes, outras estruturas tumulares, como os de falsa cúpula.

Ao observarmos a sua disposição na paisagem percebemos que a sua localização, sobretudo ao longo das linhas de água, em cotas medianas, foi deliberadamente escolhida pelas populações que habitaram este território entre, pelo menos, 6000 a 4000 anos. Pese embora esta constatação, que resulta da leitura dos conjuntos ainda conservados, não nos podemos esquecer que existem alguns problemas nesta análise, nomeadamente as destruições que

muitos monumentos sofreram nos milénios posteriores à sua construção, que nos impedirão, sempre, de saber com que percentagem estamos atualmente a trabalhar, quer em termos de números, quer de tipologias de arquiteturas.

Ao contrário de outros países europeus, como a França ou a Inglaterra, não temos muitas fontes documentais antigas sobre o nosso megalitismo. As primeiras referências, isoladas, surgem no séc. XV e, posteriormente no séc. XVIII, no âmbito dos inquéritos realizados aos párcos de todo o reino (Memórias Paroquiais de 1758), mandados realizar pelo Cardeal D. Henrique pelo que, até aos finais do séc. XIX possuímos apenas informação compilada de forma dispersa, pontual e sem intuítos científicos (Pereira, 1887; Fabião, 1999). A primeira metade do séc. XX marca uma viragem neste domínio, com a realização de inúmeros trabalhos de inventariação e escavação no Alentejo Central, de que Vergílio Correia, Manuel Heleno e o

casal Leisner são os exemplos mais paradigmáticos (Correia, 1921; Leisner e Leisner, 1959, 1985; Rocha, 1999, 2005, 2009/2010). Estes investigadores acabaram por interencionar mais de meio milhar de monumentos megalíticos funerários, desde as sepulturas protomegalíticas às grandes antas de corredor. Comparativamente, a segunda metade do séc. XX e primeiras décadas do séc. XXI tem sido manifestamente menos profusa, em relação ao número de escavações realizadas, mas, no global, mais minuciosa e metódica, pelo que acabamos por obter mais dados científicos.

Em termos gerias, quando examinamos a questão numa perspetiva turística, o Património visitável no Alentejo Central, excluindo o que se encontra em área urbana, é maioritariamente constituído pelo conjunto megalítico, disperso por uma paisagem mais ou menos natural. Mas, apesar do elevado número de monumentos existente neste território, quando analisamos a questão



Anta de Barbacena (Elvas) e Anta Capela e Pavia (Mora). Fotos da autora.

sob o ponto de vista da valorização e fruição cultural verificamos que estamos muito aquém dos nossos colegas europeus. Pese embora existirem monumentos, que se encontram assinalados nas principais vias rodoviárias, as condições de acesso, muitas vezes por caminhos rurais, possuem problemas graves a nível do pavimento e estacionamento, em muitos não existe sinalética informativa ou esta pode estar, mais ou menos, degradada devido a fenómenos atmosféricos (calor e fungos/líquenes) ou biológicos, provocados por animais. Neste domínio constitui exceção o conjunto megalítico da Herdade das Murteiras, da Fundação Eugénio D`Almeida, de fácil e livre acesso. Efetivamente, tem existido por parte da fundação um esforço para substituir, periodicamente, não só a sinalética e painéis informativos, mas também, o mobiliário (bancos) dispersos pelos percursos.

Os monumentos que poderiam ser efetivamente mais emblemáticos

do megalitismo alentejano, como a Anta Grande do Zambujeiro e o Recinto Megalítico dos Almendres, localizados no coração do Alentejo Central, apresentam problemas de conservação, valorização e fruição que ainda não se conseguiram resolver – mais graves no caso da Anta Grande do Zambujeiro.

O património megalítico, enquanto fonte de conhecimento e testemunho material das sociedades do passado, adquire especial relevo no âmbito do denominado Turismo Cultural, que tem crescido exponencialmente na última década. Contudo, a sua disponibilização, enquanto elemento passível de usufruto coletivo, não pode ser desassociada da responsabilidade assumida pelas entidades tutelares no seu estudo, preservação e divulgação.

Leonora Rocha

Docente Universidade de Évora/ Departamento de História.
Investigadora CEAACP/ UALg -
UIBD/ ARQ/ 0281/ 2020 - FCT

BIBLIOGRAFIA:

- CORREIA, V. (1921) - El Neolítico de Pavia. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1959) - Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen 2, Berlin.
- LEISNER, G. y LEISNER, V. (1985) - Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Lisboa.
- ROCHA, L. (1999) - Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional. Setúbal.
- ROCHA, L. (2005) - As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno. Lisboa: FLL (tese de doutoramento policopiada)
- ROCHA, L. (2009/2010) – As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno. *Promontoria*. 7/8. Universidade do Algarve.